



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO” – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

(Linha de pesquisa – A Geografia no ensino fundamental e médio)

**ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO
ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.**

ALCIONE PEREIRA DA COSTA

**Guarabira – PB
2011**

ALCIONE PEREIRA DA COSTA

**ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO
ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Monografia), apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como cumprimento de um dos requisitos necessários para obtenção do certificado de Licenciado em Geografia.

Orientador: **Prof^a. MS. Edinilza Barbosa dos Santos.**

**Guarabira – PB
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C837e Costa, Alcione Pereira da

Ensinar geografia: a luta contra o tradicionalismo através das metodologias e dos recursos de ensino / Alcione Pereira da Costa. – Guarabira: UEPB, 2011.

53f. Il. Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Edinilza Barboza dos Santos”.

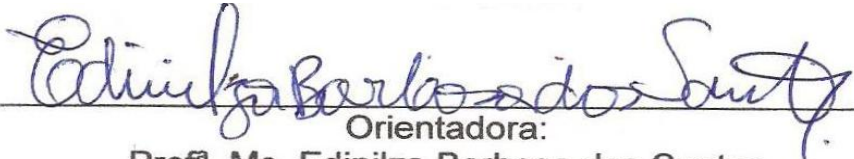
1. Geografia - Ensino 2. Recursos Didáticos
3. Metodologias de Ensino I.Título.

22.ed. CDD 372.891

ALCIONE PEREIRA DA COSTA

**ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO
ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.**


COMISSÃO EXAMINADORA:


Orientadora:

Prof^a. Ms. Edinilza Barbosa dos Santos
Departamento de Geografia-História/CH/UEPB


1^a Examinadora

Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Departamento de letras e Educação/CH/UEPB


2^a Examinadora

Prof^a. Esp. Raquel Soares de Farias
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Departamento de Geografia – História/ CH/UEPB

Aprovada em: 26/05/2011

Guarabira – PB
2011

Dedico a realização deste trabalho aos meus pais Luzia e Antonio a quem lhes devo a vida e que muito me apoiaram, incentivaram, e me ajudaram nessa caminhada, aos meus avôs maternos pelo muito que foi feito, ao meu esposo Erinaldo, pela compreensão, ajuda e por me dar força para chegar até aqui apesar de todas as dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que com sua infinita sabedoria e misericórdia sempre presente em minha vida, me deu força, equilíbrio para vencer muitos obstáculos e chegar ao fim dessa árdua caminhada.

Aos meus pais: Antonio e Luzia que no decorrer de minha existência sempre estiveram presentes e muito me ensinaram na caminhada da vida.

A Erinaldo pelo amor, companheirismo, paciência carinho e estímulo e assim ao longo desse tempo segurou-me, amparou-me, e também, compreendeu minhas ausências.

Ao meu irmão Lenivaldo Costa que me ensinou diversas coisas e pela força neste trabalho.

As minhas estimáveis amigas, Alaíde e Nelma, e ao pequeno João Pedro pelo incentivo, por acreditaram em mim e por me darem sempre muita força.

A professora e orientadora: Edinilza Barbosa dos Santos pela orientação, motivação e direcionamento além dos estímulos necessários à realização do trabalho.

A turma 2006.2, pela convivência e pela aprendizagem, em especial as amigas de caminhada pela ajuda e pela companhia noites a fio via MSN.

Aos Professores da turma 2006.2, que contribuíram para a formação pessoal e profissional.

A todos os anônimos, que direta ou indiretamente, me apoiaram e me ajudaram para conclusão do curso.

Obrigado a todos!

(...)

Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)

(...)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Decoreba: esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocino
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada

(...)

Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
Discutindo e ensinando os problemas atuais
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada.

Música: Estudo Errado - Gabriel O Pensador.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Siglas

EJA - Educação de Jovens e Adultos

LDB - Diretrizes e Bases Curriculares

PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Lista de Fotos

Foto I: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo (polivalente). ----- 34

Foto II: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho. ----- 35

Foto III: Escola Estadual de Ensino Fund. e Infantil Jonh Kennedy----- 35

Lista de Gráficos

Gráfico 01 – Dificuldades encontradas no trabalho docente----- 38

Gráfico 02 – Recursos didáticos utilizados em sala de aula----- 39

Gráfico 03 – Importância atribuída pelos professores ao recurso didático----- 40

Gráfico 04 – Qual a importância do livro didático no ensino de Geografia----- 41

043 – GEOGRAFIA

TÍTULO: ENSINAR GEOGRAFIA: A LUTA CONTRA O TRADICIONALISMO ATRAVÉS DAS METODOLOGIAS E DOS RECURSOS DE ENSINO.

LINHA DE PESQUISA: A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.

AUTOR: ALCIONE PEREIRA DA COSTA.

ORIENTADOR: PROF^a. MS. EDINILZA BARBOSA DOS SANTOS- UEPB.

EXAMINADORES: PROF^a. MS. MÔNICA DE FÁTIMA GUEDES-UEPB, PROF^a. Esp. RAQUEL SOARES DE FARIAS-UEPB.

Resumo: O uso de elementos pedagógicos aliados a métodos democráticos e a postura correta dos professores é sem dúvida uma forma eficaz de desenvolver nos alunos o aprendizado. Foi pensando desta forma que partimos para a elaboração do presente trabalho. O qual tem como objetivo analisar o uso das metodologias e dos recursos didáticos utilizados pelos professores de Geografia da rede estadual de ensino no município de Guarabira - PB. O trabalho foi desenvolvido a partir de um levantamento bibliográfico, pelo qual foi adquirido o material que serviu de base para o seu desenvolvimento. Foram fundamentais neste trabalho referências como: Lopes (1998); Araújo (2007); Oliva (2008), entre outros autores que tiveram uma grande contribuição. Também foi realizada uma pesquisa de campo, na qual foi aplicado um questionário com os professores da disciplina em questão. A partir deste questionário foi possível perceber a forma como os mesmos executam suas tarefas além de suas opiniões a respeito dos recursos didáticos que utilizam no seu dia-a-dia. Então, com este material propomos uma reflexão acerca das metodologias que estão sendo desenvolvidas em sala de aula, procurando estimular a busca de outras novas (metodologias), para que o ato de ensinar seja sempre prazeroso e o ato de aprender seja cada vez mais estimulante.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Recurso didático; metodologias de ensino.

Abstract:

The use of pedagogical elements allied to democratic methods and the right attitude of teachers is undoubtedly an effective way of developing the students' learning. Was thinking this way that we leave for the preparation of this work. Which is to analyze the use of methodologies and teaching resources used by teachers of Geography at state schools in the city of Guarabira-PB. The work was developed from a literature review, which was acquired by the material that formed the basis for their development. They were crucial in this work as references: Lopes (1998); Araújo (2007); Oliva (2008), among other authors who had a great contribution. Was also carried out field research in which a questionnaire was given to the teachers of the discipline in question. From this questionnaire it was possible to see how they perform their tasks as well as their opinions about the educational resources they use in their day-to-day. So, with this material we propose a reflection on the methodologies being developed in the classroom, trying to stimulate the search for new ones (methods), so that the act of teaching is always pleasant and the act of learning is increasingly challenging.

Keywords: Teaching Geography Action didactic, teaching methodologies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. -----	10
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA DE ENSINO E RECURSO DIDÁTICOS: -----	12
1.1 - Diferenciando metodologia de recurso de ensino. -----	12
1.2- Uma abordagem das metodologias tradicionais na escola-----	17
1.3- As metodologias inovadoras de ensino-----	19
CAPITULO 2 – O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS -----	23
2.1. Breve histórico do ensino de Geografia no Brasil-----	23
2.2. Os recursos didáticos no ensino de Geografia. -----	29
CAPÍTULO 3 – OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: PESQUISA IN LOCU -----	34
3.1 Área de estudo-----	34
3.2 Perfil dos professores pesquisados -----	36
3.3 Resultados e discussões -----	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	43
REFERÊNCIAS -----	45
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Atualmente a educação passa por avanços significativos e apresenta melhoras expressivas a partir da necessidade de construção de uma sociedade mais democrática, movida pela preocupação em educar o homem, para que esse se torne agente consciente de seus atos, deveres e direitos. Em meio a tantos desafios propostos em torno do ensino atual, muitos estudos são desenvolvidos, se fazendo necessário, uma reflexão sobre novas técnicas para melhoramento da metodologia empregada nas aulas de Geografia e para que haja uma maior inclusão dos alunos no método de construção do saber e no processo de ensino-aprendizagem (SANTOS, 1994; VESENTINI, 2008).

Classificando-a como um fator amplo e complexo a educação pode ser deliberada como um artifício pela qual a sociedade configura suas formas, moldando seus membros e os adequando conforme seus interesses, tornando o homem um ser social atuante e levando-os aceitar fins coletivos, capazes de viver em equilíbrio com outros membros e com a natureza assim é a escola com sua complexidade que facilita esse processo ao exercer a função de mediadora entre o indivíduo e o saber. (PINTO, 1987; SANTOS & NUNES, 2006).

Assim, frente aos desafios e dificuldades encontrados pelos docentes em sala de aula, a utilização de recursos didático-pedagógicos se torna uma forma de auxiliar nesse entendimento. Partindo dessa concepção o trabalho tem por objetivo analisar a relação entre métodos de ensino e recursos didáticos utilizados nas escolas estaduais da cidade de Guarabira-PB; além de avaliar o método de ensino de Geografia desenvolvido pelos professores; compreender a importância do uso de recursos pedagógicos nas aulas de Geografia e que benefícios isso pode trazer para a formação dos alunos.

Este trabalho está dividido em três capítulos: No primeiro capítulo fizemos uma breve explanação diferenciando metodologia de recurso de ensino, assim como uma abordagem das metodologias tradicionais na escola e dos procedimentos inovadores de ensino. O segundo capítulo mostrou o ensino de Geografia e os recursos didáticos utilizados na sala de aula, um breve histórico do surgimento da geografia escolar no Brasil e, a importância do uso dos meios pedagógicos no ensino de Geografia para que se eleve a qualidade do ensino da referida disciplina e os diferentes artifícios para que isso seja possível.

No terceiro capítulo foi feita uma discussão dos resultados obtidos com a pesquisa *in locu*, realizada através da aplicação de questionários, tendo como público alvo os professores de Geografia das Escolas Estaduais do referido município que trabalham com ensino Fundamental maior (6º ao 9º ano) no ensino regular e na modalidade especial de Ensino de Jovens E Adultos – EJA.

O embasamento teórico do trabalho se deu através do estudo de alguns autores que abordassem a temática como: FREIRE (1967), BRASIL (1998), KÜESTER & CASTELEINS (2001), LIBÂNEO (2002) BITTENCOURT, (2004), PESSOA (2007), OLIVA (2008), FIGUEIREDO & ALBUQUERQUE (2009) que discutem diferentes metodologias de ensino e recursos didáticos.

A perspectiva desse trabalho é poder contribuir para a melhoria das aulas de Geografia em futuras docências, entender práticas e propor reflexões, no que diz respeito às práticas pedagógicas e a utilização de novos recursos didáticos. Com isso pretende somar sugestões para o enriquecimento da prática dos professores de Geografia e tentar estimular o interesse dos alunos.

CAPÍTULO 1 - AS METODOLOGIAS DE ENSINO E OS RECURSOS DIDÁTICOS

A prática pedagógica do professor engloba diferentes formas de conhecimentos, tanto aqueles adquiridos nas academias e em cursos de formação profissional quanto os que são adquiridos em seu cotidiano e na convivência com seus alunos. De uma forma geral essa atividade pode tomar moldes diferentes de acordo com a concepção que segue cada profissional de acordo com a organização da aula foi o exercício escolhido, os conteúdos selecionados e quais instrumentos serão usados no processo de ensino-aprendizagem.

1.1 Diferenciando metodologia de recurso de ensino.

Segundo Libâneo (2002) podemos encontrar nas escolas diversos tipos de professores, desde os mais tradicionais que conduzem suas aulas sempre da mesma forma, independente de qual seja a série ou idade dos alunos, e como se não bastasse na maioria das vezes o conteúdo é decorado e depois reproduzido em uma prova, a este procedimento o autor denomina “mecânica repetitiva”, aos mais progressistas que estão mais preocupados com a realidade dos educandos, mas que para ele não foge muito do tradicional na hora de cobrar os resultados.

De certo modo a metodologia empregada pelo professor em sala de aula acaba por influenciar de alguma forma na aprendizagem dos alunos, assim podemos dizer que cabe ao professor a tarefa de buscar novas formas de ensinar e de procurar desenvolver nos alunos o senso crítico e a capacidade de construir conhecimento, levando em conta a realidade onde o aluno está inserido e sua capacidade (BRASIL, 1998; LIBÂNEO, 2002).

Neste sentido Libâneo afirma:

O papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem (LIBÂNEO, 2002, P 06).

Segundo o dicionário Aurélio de língua portuguesa, metodologia é o conjunto de métodos, regras e postulados utilizados em determinada disciplina e sua aplicação. Assim as metodologias de ensino podem ser entendidas como a maneira,

pelo qual o profissional segue sua aula, que conceitos ele adota e que meios usa para conseguir seus objetivos e desempenhar seu trabalho. Para Veiga (1998, p. 27) a metodologia de ensino é entendida como um conjunto de regras e normas prescritivas visando à orientação do ensino e do estudo.

Metodologia do ensino, pois, nada mais é do que o conjunto de procedimentos didáticos, expressos pelos métodos e técnicas de ensino, que visam levar a bom termo a ação didática, que é alcançar os objetivos do ensino e, conseqüentemente, os da educação com o mínimo de esforço e o máximo de rendimento (FIGUEIREDO & ALBUQUERQUE, 2009, p.04).

Na árdua tarefa de educar para atender às necessidades dos educandos é preciso que o professor leve em conta alguns critérios, como as condições sociais, econômicas e psicológicas dos envolvidos, para desenvolver uma boa aprendizagem. Além da escolha dos conteúdos a serem ministrados, outro fator importante é também a seqüência lógica em que esses assuntos devem ser apresentados, considerando o grau de entendimento anterior dos alunos. (MARTINS, 1998).

Para Amaral (2006) existem muitos aspectos associados ao termo metodologias de ensino, os quais foram arquitetados de acordo com as visões educacionais predominantes em cada período, assim os seus conceitos variam, e diferentes abordagens são feitas de acordo com o contexto em que estão inseridos, dessa forma algumas mudam conforme as perceptivas de cada época, mas é eminente a permanência de algumas abordagens.

De acordo com alguns autores é possível identificar pelo menos quatro visões diferentes de metodologia de ensino, associadas aos importantes paradigmas educacionais que lhes dão suporte: tradicional, escolanovista, tecnicista, e progressista, e cada uma a seu modo trouxe contribuições para educação de uma forma em geral.

A metodologia tradicional é marcada pela presença de atividades transmissoras de informações sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento crítico dos alunos. As aulas geralmente são expositivas, o professor é o agente reproduzidor de um plano pronto, e suas avaliações envolvem a representação de conteúdos memorizados. (LIMA et al, 2008; KÜESTER & CASTELEINS, 2001).

Contrapondo-se ao paradigma tradicional a metodologia escolanovista surge por volta de 1930, com um ensino focado no homem considera o interesse dos

educandos e busca estimular o aprendizado por meios de experiências adquiridas da relação professor e aluno. Nesta perceptiva o professor aparece como um agente facilitador dessa aprendizagem auxiliando o desenvolvimento espontâneo dos envolvidos. Assim o aluno torna-se a figura principal no processo de ensino-aprendizagem.

Tal pensamento pode ser observado em BEHRENS:

A metodologia do paradigma escolanovista centra-se nas unidades de experiências que o professor vai elaborar junto com os alunos, para buscar a aprendizagem. Atribui grande importância aos métodos, as unidades de experiências e aos trabalhos em grupo, oferecendo as atividades livres que atendam ao ritmo do próprio aluno (BEHRENS, 2003, p.49).

Assim, para que aconteça a aprendizagem é proposta a solução de problemas, a resolução dessas questões provoca a participação efetiva do alunado, estimula o conhecimento por meios de ações individuais e contribui para o desenvolvimento das habilidades e aptidões intelectuais dos alunos. Embora trate o aluno de forma individual, essa metodologia valoriza o trabalho em equipe, mas considera as características de cada indivíduo, uma vez que essas variam de acordo com a idade, a família, a cultura e etc. (BEHRENS, 2003; SOUZA et al 2009).

Fundamentada no positivismo a metodologia tecnicista propõe que a ação pedagógica seja inspirada em princípios racionais e eficientes, a escola tem o papel de moldar o comportamento dos indivíduos habilitando-os para o sistema produtivo. Para Souza et al (2009, p.02) esse enfoque objetiva enfatizar o desenvolvimento de competências e atitudes para formar o profissional e este atuar no mercado de trabalho. A atividade do professor é caracterizada por sua ação instrumental e o aluno diante desse condicionamento passa a ser um espectador dessa realidade material sendo privado de criatividade e estímulos (LIBÂNEO, 2006).

Na metodologia tecnicista a comunicação professor-aluno tem um sentido exclusivamente técnico, que é o de garantir a eficácia da transmissão do conhecimento (LIBÂNEO, 2006; p.30). Nessa abordagem o ensino é repetitivo e mecanizado e a assimilação dos conteúdos se dá pela reprodução repetida de exercícios. O método avaliativo exige a memorização de conteúdos e a retenção de informações, dessa forma despreza a formação de espírito crítico nos educandos, o

que causa, conseqüentemente, um alto índice de reprovação (KÜESTER & CASTELEINS, 2001).

Partindo para outro conceito temos a tendência progressista com seus alicerces baseados em diferentes formas de diálogos. A mesma leva em consideração a ação livre e democrática e a formação do homem consciente e capaz de mudar a sua realidade, visando à transformação social por meio da educação, seu precursor foi o educador Paulo Freire que em seu discurso diz que: “O saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, pois só tem sentido como conquista comum no trabalho do educador e do educando” (FREIRE, 1967, p.12).

O educador assume o papel de mediador entre o saber formado e o conhecimento a ser obtido; as avaliações são contínuas, e o educando é participante da ação educativa. Assim para Küester & Casteleins (2001, p.04) o desenvolvimento de opiniões se apresenta compartilhado de idéias, informações, responsabilidades, decisões e cooperação entre indivíduos, e a escola passa a ser um ambiente de diálogo, trocas de informações e de evolução mútua.

Em seu discurso acerca das metodologias de ensino, Moura (2009, p. 22) destaca que no campo da educação escolar defendemos a metodologia como uma prática político-pedagógica inserida na prática social, cujo objetivo de estudo principal é o ensino-aprendizagem. Desse modo as metodologias podem ser entendidas como a maneira que alguns profissionais seguem para alcançar seus objetivos no ensino e posteriormente na educação, usando para isso técnicas e métodos os quais para o autor são inseparáveis.

Foi a partir dos anos 1960 impulsionados pelas críticas acerca dos métodos de ensino empregados em sala de aula, que alguns educadores passaram a dar uma importância maior à renovação das metodologias, o que acabou por influenciar na criação de meios para inovar o ensino. Porém mesmo com as inovações propostas, muitos são os problemas que giram em torno da educação atual, entre eles está a confusão que se faz acerca de método de ensino inovador com o uso de novos recursos no ensino (BITTENCOURT, 2004).

Usados desde os tempos mais remotos e evoluindo de acordo com o tempo em que a sociedade está inserida, os meios pedagógicos funcionam como ferramentas de apoio para o trabalho didático dos professores, ajudando a desempenhar de maneira proveitosa sua prática, assim precisam ser escolhidos com

cuidado e de forma minuciosa, procurando adequá-los ao conteúdo, ao grau de desenvolvimento dos alunos envolvidos (BRASIL, 1998; GOLENIA, 2009).

De acordo com os PCNS:

Atualmente, a tecnologia coloca à disposição da escola uma série de recursos potentes como o computador, a televisão, o videocassete, as filmadoras, além de gravadores e toca-fitas, dos quais os professores devem fazer o melhor uso possível. No entanto, é igualmente importante fazer um bom uso de recursos didáticos como quadro de giz, ilustrações, mapas, globo terrestre, discos, livros, dicionários, revistas, jornais, folhetos de propaganda, cartazes, modelos, jogos e brinquedos (BRASIL, 1998, p.96).

Os recursos pedagógicos desempenham um papel importantíssimo no processo de ensino, porém o seu uso deve ser claro e cauteloso sempre respeitando os limites dos envolvidos. Assim o uso de recursos sejam estes tecnológicos ou não só funciona se usado da maneira correta. De nada adiantara, vídeos, computadores entre outros se não estiverem sendo usados como um complemento durante as aulas (BRASIL, 1998).

Para Lima *et al* (2008) recurso didático é todo material que o professor tem à sua disposição e que sirva de auxílio à sua prática de ensino. Assim podemos descrever os recursos didáticos, sejam eles tecnológicos ou não, como acessórios junto às aulas e que funcionam como uma maneira de proporcionar ao alunado mais entendimento e ao professor, as diferentes formas de estimular o aprendizado dos envolvidos.

Amaral afirma que:

É difícil imaginar alguma situação de ensino sem a presença de algum recurso didático, mesmo que sejam coisas tão simples quanto lousa, giz e apagador. Mesmo os recursos didáticos mais rudimentares são veículos de algum conteúdo, desenvolvidos segundo determinada abordagem, para o que requer uma técnica de ensino (AMARAL, 2006. P.05).

Aliados a postura correta dos professores, tais meios funcionam como estímulos para os alunos desenvolverem senso crítico e para que as aulas se tornem proveitosas e aprazíveis para alunos e professores, desse modo o ensinamento se solidifica, as abordagens se fazem de uma maneira agradável, ágil e

sem enfadar nenhum dos lados, aulas prazerosas tendem a desenvolver de maneira mais rápida o raciocínio, e a criatividade dos alunos (BRASIL, 1998; MAGALHÃES, 2004; GOLENIA, 2009).

Com a modernização a que a sociedade está submetida, os meios eletrônicos se tornaram recursos muito atrativos devido a sua diversidade e as amplas possibilidades de uso, DVD, rádio, câmeras fotográficas, computadores entre outros, oferecem um leque de oportunidades aos educandos e educadores, mas é necessário que o uso de novas tecnologias não burocratize as metodologias pedagógicas, inferiorizando o conhecimento a outros objetivos que seja não a educação como um fator social (OLIVA, 2008).

1.2 Uma abordagem das metodologias tradicionais na escola.

Associado sempre a aulas expositivas, ao uso de quadro e giz e ao livro didático, a metodologia tradicional de ensino tem suas raízes na educação instituída pelos jesuítas, no período colonial. Com características técnicas, marcada pela ausência do pensamento crítico e que valorizava o exercício da memorização e tem como perspectiva a concepção de um homem humanista e cristão, como afirma Veiga (1998, p. 26). A educação se preocupava com o ensino humanista de cultura geral, enciclopédico e alheio a realidade da vida de colônias.

Nessa época o ensino era voltado para a valorização do patriotismo, o ensino era basicamente mnemônico, ou seja, os alunos decoravam os conteúdos, tal postura era muito valorizada uma que se acreditava que outra metodologia que apontasse uma compreensão do espaço poderia comprometer a maneira de pensar dos educandos, representando uma ameaça às classes dominantes, os pais também valorizam esses métodos uma vez que eram motivo de orgulho as muitas informações decoradas por seus filhos (QUINTÃO & ALBUQUERQUE, 2009).

Uma característica marcante na abordagem tradicional é o elo que se faz entre o conteúdo e o método empregado. Nessa relação é marcante a posição autoritária do professor para com os alunos, fazendo com isso que se forme nesse processo uma subordinação de saberes. Nesse sentido o aluno está na sala de aula como espectador, um receptor de informações prontas e imutáveis, passivo de qualquer reação contraditória as idéias do educador. Para Lopes (1998) Esta metodologia tem se caracterizado pela predominância de atividades transmissoras

de conhecimentos, com pouco ou nenhum espaço para discussão e análise crítica dos conteúdos.

Assim nessa abordagem, o ensino é construído através do repasse de informações do educador para o educando, tem sua base firmada no verbalismo do mestre e na absorção dos conteúdos pelos alunos, onde prevalece a idéia do professor na escolha das temáticas a serem trabalhadas, mesmo que na maioria das vezes tal abordagem esteja totalmente desvinculada da realidade onde os alunos estão inseridos, como podemos perceber em Souza et al (2009, p.03) ao afirmar que:

O objetivo do enfoque tradicional na prática docente é a transmissão do conhecimento pelo professor, o qual deve ser assimilado pelos alunos. A base desse enfoque está na seleção dos conteúdos, no ensino enciclopédico, sendo estes, geralmente, descolado do cotidiano dos alunos. O docente privilegia a aula expositiva tornando assim, o aluno um memorizador dos conteúdos.

Nesse contexto o professor está sempre seguindo livros, revistas ou até outras fontes, sem nenhum questionamento, as informações são repassadas, obtidas (decoradas) e depois transpostas diretamente do texto em forma de perguntas, sem que o aluno tenha a oportunidade de formar suas opiniões e de expor suas conclusões, o que acaba impedindo os mesmos de desenvolverem suas capacidades e formar seus conceitos a cerca da temática.

Nessa direção Barros Junior enfatiza:

A aprendizagem é mecânica e receptiva, para o que se recorre freqüentemente a coação. A transferência de aprendizagem depende do treino; a memorização é indispensável a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma similar as respostas dadas em situações anteriores (BARROS JUNIOR, 2001, p. 21)

Na modalidade pedagógica tradicional é possível perceber que os conteúdos propostos não estabelecem nenhum vínculo com a realidade social dos indivíduos, na maioria das vezes esses assuntos são escolhidos sem a participação dos professores e esses na sua maioria seguem a risca o sumário do livro didático, sem procurar inserir o educando no contexto. Muitas vezes os recursos disponíveis para o bom desempenho da prática funcionam como meras ilustrações em sala de aula e

que quando usados, nem sempre seu uso está correto ou são adequados à temática (LOPES, 1998; QUINTÃO & ALBUQUERQUE, 2009).

Outro fator bastante marcante na metodologia tradicional é o uso do livro didático e seus conteúdos como partes imutáveis, além da postura mantida pelo professor ao usá-lo apenas como forma de reproduzir idéias, e como forma de repetir a opinião do autor tal como está escrito sem procurar refletir ou questionar a seu respeito. Dessa forma todas as aulas se tornam palco de transferência de um conhecimento pronto e acabado e sem nenhum vínculo com o cotidiano daqueles a quem se destina.

Caporalini ao relatar sua experiência durante uma pesquisa diz:

Eles pareciam esquecer que para a assimilação dos assuntos, importa não só a quantidade como também a qualidade, que o relacionamento com a realidade vivencial do aluno é necessário a fim de levá-lo a pensar criativamente, a resolver problemas, a manipular idéias, a fim de propiciar-lhes também liberdade para explorar e experimentar enfim, de conduzi-los à reflexão e à ação (CAPORALINI, 1998, p. 101).

Muitas vezes são negadas aos educandos explicações e oportunidades de um conhecimento mais abrangente da realidade, um posicionamento crítico a cerca do assunto em questão. Essa prática tende a dificultar o entendimento e levar a persuasão das massas sobre a exploração dos mecanismos capitalistas, tirando-os a visão de que o mundo é igual pra todos, não causando ameaças as classes privilegiadas (CAMPORALINI, 1998). Segundo Cury (2000, p.11) “a educação não passaria de um mecanismo que ajusta os indivíduos a ordem social vigente, pela transmissão de um saber definido pelo poder político estabelecido”.

1.3 As metodologias inovadoras de ensino.

Após muitas tentativas de melhoramento e longos anos de discussão a cerca das metodologias empregadas em sala de aula, contrapondo-se aos interesses de uma massa dominante, para atender às privações de uma classe dominada com a preocupação em formar conceitos para compreender a dinâmica da sociedade, e formular respostas para seus problemas, surge na educação novas

metodologias de ensino capazes de ajudar nesse processo (CAVALCANTI, 1998; QUINTÃO & ALBUQUERQUE, 2009).

Nagen, Carvalhes & Dias, acrescentam:

O desenvolvimento de metodologias inovadoras vem ao encontro do atendimento às necessidades do aprendiz como ser único, singular, diferente, que recorre a diferentes estratégias de aprendizagem e exibe diferentes habilidades ao resolver problemas (NAGEN, CARVALHES & DIAS, 2001, p.198).

A necessidade de indivíduos conscientes e ativos capazes de lutar por cidadania e acima de tudo reconhecer o seu papel na sociedade fez com que as metodologias tradicionais empregadas por alguns professores perdessem pouco a pouco espaço mediante uma postura diferenciada e renovada em diversas áreas da educação escolar, como na Geografia, caso que pode ser constatado no discurso de Oliva:

Há muito, os professores, insatisfeitos com o modelo tradicional e pouco produtivo de geografia escolar e pressionados pela necessidade de ensinar, educar e explicar a realidade que nos cerca, vem buscando novos referenciais para construir suas aulas. (OLIVA, 2008, p. 42).

Outro fator bastante marcante nesse processo de adoção de novas metodologias e de novas técnicas foi o crescimento industrial, assim como a modernização e o avanço das novas tecnologias, com isso surge a necessidade de pessoas qualificadas e capazes de assumir posturas cada vez mais determinantes na sociedade e em postos de trabalhos, indivíduos que tenham a capacidade de inovar e que acima de tudo possuam habilidades de organização e construção, valores estes eminente ao ser humano consciente (ARAÚJO, 2007).

As novas abordagens de ensino visam desenvolver nos educandos alguns pontos positivos, tais como a capacidade de discutir a realidade, formular e resolver questões usando para isso um pensamento coerente, a criatividade e o senso crítico, além da aptidão em assumir a postura apropriada para resolver conflitos, através do diálogo e tomar decisões coletivas. Dessa maneira, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (BRASIL, 1998).

O educador deve ter consciência da necessidade que existe em repensar as relações existentes na escola e no processo de ensino-aprendizagem, procurando desenvolver práticas inovadoras que levem a uma educação libertadora, capaz de formar opiniões e senso crítico nos educandos e onde professores e alunos articulem suas informações fazendo da sala de aula um lugar de troca de conhecimentos e exercícios democráticos. (MAIA; MENDONÇA & GÓES, 2005).

Acrescenta Barros Junior:

Nessa concepção de ensino a ação do professor deve centrar-se nas experiências e desafios cognitivos, que devem ser articulados pelo docente enquanto situações problemas. Logo a idéia de “aprender fazendo” é uma constante, por isso é valorizado as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, o método de solução de problemas (BARROS JUNIOR, 2001 p.22).

Assim nesse processo as escolhas de técnicas que manipulem a criatividade e a absorção de conhecimento, assim como a capacidade de raciocínio que levem os alunos, a discordar e concordar de algumas questões, e a expor suas opiniões sem receio é de grande importância. Para Castanho (2007, p.94) a prática do debate enriquece o trabalho intelectual, pois permite que a análise abarque diferentes pontos de vistas.

Segundo Lopes:

A aula dialogada favorece a compreensão dos determinantes sociais porque permite o questionamento; ao mesmo tempo em que proporciona a aquisição de conhecimentos, favorece sua análise crítica, resultando na produção de novos conhecimentos; elimina a relação pedagógica autoritária; valoriza a experiência e os conhecimentos prévios dos alunos; estimula o pensamento crítico dos alunos por meio de questionamentos e problematizações (LOPES, 2007, P.45).

Embora a aula expositiva esteja diretamente associada à metodologia tradicional de ensino, esse artifício pode ser usado como forma de instigar o raciocínio crítico dos envolvidos, se usada entre alunos e professores como forma mediadora de conhecimentos e experiências. Na aula expositiva dialogada procura-se relacionar a vivência do aluno com a temática estudada. Com esse dinamismo

são despertados, atributos essenciais para uma educação transformadora (LOPES, 2007).

O uso de ferramentas que auxiliem na construção do conhecimento, que fujam da rotina tradicional e que ajudem a prender a atenção dos alunos é um ótimo incremento durante as aulas, porém deve-se fazer uma ligação entre o assunto que está sendo estudado e o recurso utilizado, para que o seu uso não se torne uma maneira de passar o tempo durante as aulas (BORGES NETO, 2008)

É importante ressaltar que, seja qual for a concepção da educação e independente da técnica usada para desenvolver a metodologia de ensino, que essa seja voltada para a formação íntegra do educando, é importante que a sala de aula seja um ambiente propício a essa aprendizagem, um ambiente agradável onde se respeite as individualidades e o caráter dos envolvidos independente de cor, raça ou opção sexual (BRASIL, 1998).

CAPITULO 2 - O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS RECURSOS DIDÁTICOS

A partir desse momento pretendemos fazer um breve resgate do ensino de Geografia escolar no Brasil, procurando entender a sua configuração nos diversos momentos históricos da educação brasileira, mostrando as barreiras, desafios e adversidades enfrentadas ao longo desse percurso.

Com as diversas mudanças ocorridas na atualidade, a educação passa por algumas transformações e nas últimas décadas, com a sociedade marcada pelos artifícios da informação e da comunicação, é que se exige cada vez mais a formação de cidadãos conscientes e atuantes. O ensino de Geografia tem se apresentado de forma mais democrática e preocupado com a complexidade do universo em que estão inseridos estes indivíduos, com isso a procura de incrementos que ajudem o professor nessa atuação faz parte de uma incansável busca para o melhoramento da prática pedagógica.

2.1 Breve histórico do ensino de Geografia no Brasil.

No início da colonização coube aos Jesuítas a inclusão da educação escolar no Brasil e aproximadamente na primeira metade do século XVI organizaram o primeiro sistema escolar no país. Os Jesuítas instituíram por volta de 1599, o primeiro plano de estudos da companhia de Jesus, conhecido como Ratio Ataque Institutio Studiorum SocietatisLesu, que se constituía em leis que passaram a reger os colégios existentes em solo brasileiro e que não idealizou em seu currículo escolar a Geografia como disciplina independente (PESSOA, 2007).

Por volta de 1832 a Geografia foi integrada ao currículo oferecido pelo Ratio Studiorum, porém o ensino era baseado num modelo europeu, guiado pelo saber produzido pelos gregos, o seu papel era apenas oferecer uma cultura geral aos alunos. Os conhecimentos geográficos eram ligados às orientações clássicas, descreviam e enumeravam fatos, e não traziam em sua estrutura nenhum elemento do território brasileiro (PESSOA, 2007; ALBURQUERQUE & OLIVEIRA, 2009).

Ressalte-se, porém que não interessou aos jesuítas, até por causa de seu currículo internacionalista, falar em suas aulas de uma geografia brasileira (seja desenvolvendo um estudo descritivo da colônia de então, seja

trabalhando uma cartografia local). Inaugurava-se com eles, também, o ensino que somente se propunha a falar da geografia produzida por outros povos, característica tão marcante assumida por esta disciplina no Brasil (ROCHA, 1996, p.136 apud PESSOA, 2007, p. 31).

Como é possível observar durante o período dominado pelo sistema educacional implantado pelos jesuítas, a Geografia não exerceu um papel independente entre as demais disciplinas e seu ensino era considerado como secundário no currículo existente, com a intervenção do Marques de Pombal na educação do país, o ensino passou por uma desestruturação, uma vez que, com expulsão dos Jesuítas pelo mesmo, passou a vigorar o sistema de aulas régias. A respeito desse fato Albuquerque & Oliveira dizem:

Ocorreu, nesse sentido, uma ruptura no ensino, sendo essa mudança mais estrutural do que propriamente ideológica, uma vez que, foram os padres, formados pelos jesuítas que continuaram a ensinar no sistema de Aulas Régias (ALBURQUERQUE & OLIVEIRA, 2009, p. 04).

Passou assim a atuar na educação da época um sistema fragmentado, uma vez que as aulas régias não estabeleciam nenhuma relação entre si, cada uma constituía uma unidade de ensino e era ministrada por um único docente, leigo e mal instruído. Este era um sistema precário, com recursos escassos e sem professores preparados para atuar, além da falta de um currículo adequado (CHAGAS, 1980).

Um fato relevante para a Geografia brasileira foi a publicação do compêndio *Chorographia Brasilicada* Padre Manuel Aires de Casal, por volta do século XIX, baseado nos desígnios clássicos da Geografia extremamente sistemática, e mnemônica, e que serviu como modelo a ser seguido por diversos autores de livros de Geografia, o que Vlach (2004, p. 190) considera como “uma geografia que muitas vezes, não poderia nem ser, sequer, classificada como descritiva, dado que Aires de Casal não acompanhava os debates científicos da época”.

A criação do Colégio Imperial Pedro II em 1837, localizado no Rio de Janeiro e a inclusão da Geografia como disciplina autônoma em seu currículo, através do artigo 3º do decreto de 2 de dezembro de 1935 foi um marco importante em sua trajetória, segundo os padrões do ensino francês, a escola foi criada para ser uma instituição padrão e para servir de modelo para as demais escolas públicas no país. Sua educação era voltada ao ensino secundário servindo como suporte aos alunos para entrarem nas universidades (VLACH, 2004; PESSOA, 2007).

Nesta instituição o ensino de Geografia era fundamentado nas metodologias do padre Manoel Aires de Casal, baseava-se em nomenclatura e no ensino mnemônico. A partir da necessidade de mudança no método de ensino praticado, surgiram propostas que levariam à novas abordagens geográficas, merecendo destaque o livro didático *Compendio de Geografia elementar* de Manoel Said Ali Ida, onde este inaugura a orientação moderna da Geografia no Brasil (VLACH, 2004; ALBURQUERQUE & OLIVEIRA, 2009).

A educação brasileira passou por algumas reformas ao longo de sua história, e os reflexos para a Geografia escolar em seu processo de evolução são diversos, a primeira delas foi organizada por Benjamin Constant; em 1890, e estabelecia que a disciplina fosse ministrada em todas as séries do ensino secundário. Fazia parte do programa para os primeiros anos, temas como a Geografia física, em particular a do Brasil, além de exercícios de Cartografia e Astronomia e para o segundo ano Geografia política e econômica, Cartografia e exercícios de Astronomia Concreta (PESSOA, 2007).

A segunda reforma foi nomeada como Reforma Epiácio Pessoa, ocorreu em 1901 e propôs ao ensino de Geografia apenas algumas alterações em relação a antecedente, reduziu as aulas da disciplina aos primeiros anos do ensino e eliminou as revisões presentes na primeira reforma. Conhecida como Rivadávia da Cunha Corrêa, a terceira reforma aconteceu em 1911, não apresentou nenhuma modificação ao ensino de Geografia em relação a anterior, foi determinada sua participação nas três primeiras séries secundárias (PESSOA, 2007).

A quarta reforma denominada de “Reforma Carlos Maximiliano”, ocorreu em março de 1915, destacando-se entre as mudanças ocorridas na educação desse período a redução do curso secundário de seis para cinco anos de duração, o que para Geografia levou a disciplina a uma diminuição em relação a reforma anterior, uma vez que houve uma redução no número de séries onde a mesma era ensinada, levando a matéria apenas para os dois primeiros anos do curso secundário (PESSOA, 2007).

A Geografia escolar no país começa a alcançar um valor maior por volta da década de 1920 com a última reforma a que passaria a educação na República velha. Foi estabelecida em 1925, pelo professor Rocha Vaz, outra alteração na duração dos cursos secundários de cinco para seis anos, ainda foram exterminados os exames preparatórios e a adoção do regime seriado em todo território. Foi

evidente nessa época a idéia do nacionalismo patriótico. Para Pessoa (2007, p. 44) “a função que deveria ser atribuída ao professor de geografia: era o de catequizador da juventude presente em nossas salas de aula.”

Para Pessoa foi a partir desse período que começou a se desenhar uma nova concepção de Geografia escolar no Brasil:

Embora, ainda se fizesse muito presente a influência da geografia descritiva em nossas salas de aula, é importante destacar que a partir do início do século XX, a sua presença não seria mais absoluta em nossas escolas, naquele instante já se fazia emergir no interior da disciplina, uma geografia escolar fundamentada na concepção moderna de ensino, que seria finalmente submetida à orientação do Estado através dos currículos escolares brasileiros (PESSOA, 2007, p.45).

Neste sentido o professor e também diretor do colégio Pedro II Delgado de Carvalho, foi peça importante à Geografia e ao saber escolar, foi pioneiro em considerar no Brasil uma Geografia de caráter moderno, publicou em 1925, um dos mais importantes trabalhos editado no País no século XX, intitulado de Metodologia do Ensino Geográfico, concentrou suas censuras nas concepções da Geografia administrativa preocupada com a descrição do território brasileiro (PESSOA, 2007).

Como podemos observar em Pessoa:

Intercessor ávido da geografia moderna, Delgado de Carvalho ao longo de seu trabalho fez severas críticas a inexistência de um rigor conceitual que se fizesse presente no ensino de geografia no Brasil. Em oposição ao que se fazia, o mesmo submeteu a apreciação um conhecimento geográfico menos ingênuo e mais científico, e o primeiro passo seria abominar de uma vez por todas a mera nomenclatura das salas de aula (PESSOA, 2007, P. 47).

Para Delgado de Carvalho a Geografia ensinada no Brasil, meramente mnemônica e com muitas terminologias traziam diversas limitações para a Geografia científica, a qual desejava estabelecer na sociedade brasileira. Divulgava a idéia que a ciência geográfica deveria defender fundamentos lógicos para atingir um nacionalismo patriótico verdadeiro e inteligente, travou uma batalha com o objetivo de transformar o ensino de Geografia nas escolas primárias e secundárias. “Também ofereceu como sugestão metodológica para os assuntos a serem abordados nas aulas de Geografia, que começassem sempre pelo meio em que vive o aluno” (PESSOA, 2007, p.47).

Um fator importantíssimo para o desenvolvimento da ciência geográfica foi a criação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, que contribuiu significativamente para a mudança no perfil dos professores de Geografia e história no país, da USP em 1934 e do Departamento de Geografia em 1946. Nesta ocasião o ensino obedecia a orientações de metodologias francesas, destacando-se entre os demais Vidal de La Blache (PONTUSCHKA, 2007; COSTA, 2010).

Outro fato relevante para a educação e que trouxe diversas contribuições ao ensino de Geografia ainda por volta do ano de 1934, foi a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), que exerce um papel de grande importância para o desenvolvimento da disciplina com a divulgação de várias pesquisas científicas referentes a Geografia, dessa forma contribuindo para a difusão de novas metodologias empregadas nas aulas da disciplina (PESSOA, 2007).

Nesta época reinava as tendências lablachianas, hoje incluídas no que podemos chamar de geografia tradicional, um ensino baseado na memorização, marcado pelo positivismo, que alimentava as chamadas ciências humanas, procurava entender o espaço geográfico a partir das relações do homem com a natureza, estudando-os como processos de adequações desprovidos de sentimentos. Era um ensino descritivo, cercado de generalizações. Em meados da década de 1950, essa realidade começou a ser questionada e os geógrafos foram a procura de novos paradigmas (BRASIL, 1998; PONTUSCHKA, 2007; COSTA, 2010).

Por volta dos anos 60, partindo dos conhecimentos de Piaget e da escola nova, os professores tiveram acesso a psicologia no processo de ensino, desviando as atenções que antes era nos conteúdos a serem ministrados e passaram a reconhecer os estudantes como o centro da aprendizagem, mas mesmo com esse avanço as metodologias de ensino e a formação dos professores de Geografia só ganharam destaque no final do século XX (PONTUSCHKA, 2007).

A década de 1970 ficou conhecida como o movimento da renovação da Geografia, foi marcada pelas mudanças ocorridas em torno do ensino da ciência no Brasil, nesse momento procurou-se refletir sobre o papel que exerce a disciplina na sociedade em constante transformação, questionados os métodos convencionais e sugerindo outros meios mais modernos que permitam aos alunos entenderem o processo de organização do espaço e sua participação nesse processo (CAVALCANTI, 2002).

Nas palavras de Cavalcanti:

A prática cotidiana dos alunos é, desse modo, plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade. Cabe a escola trabalhar com esse conhecimento nos seus espaços, discutindo e ampliando, alterando, com isso, a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica (CAVALCANTI, 2002, p. 33).

Passa a considerar-se no ensino de Geografia o artifício de construção do saber a partir da relação consciente e ativa dos alunos e professores, tidos como intercessores nesse processo. Conforme Cavalcanti (2002, p. 33) diz: “em suas atividades diárias professores e alunos constroem geografia [...] ao construírem geografia eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem que são conhecimentos geográficos”.

De acordo com os PCNS:

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos: observar, descrever e comparar servem para construir noções, especializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas. Enfim, para conhecer e começar a operar os conhecimentos que a Geografia, como ciência, produz (BRASIL, 1998, p. 30).

Para o desenvolvimento do pensamento crítico da realidade, por meio da Geografia, é indispensável no processo de ensino-aprendizagem o entrosamento entre professores e alunos em sala de aula é de fundamental importância para isso que a vivência dos envolvidos seja valorizada e que os mesmos possam perceber que a geografia faz parte de seu cotidiano e que esta por sua vez não está alheia ao seu convívio.

A busca de metodologias que consigam fazer com que os alunos absorvam de forma mais eficaz as informações colocadas pelo educador é de grande importância nesse processo, bem como o uso de recursos pedagógicos, seja o livro didático ou novas tecnologias e meios criativos exercem um importante papel de auxílio o que diferencia o professor construtivo dos demais profissionais.

2.2. Os recursos didáticos no ensino de Geografia.

É de grande importância para a educação e, para a Geografia, de uma maneira particular, que o ensino tome novos moldes e deixe para trás aquela maneira nomenclaturista de ensinar e que o ato de memorizar conteúdos existentes nos livros didáticos, seja substituído pelo hábito de instigar no alunado um pensamento crítico, relacionando esses temas com a realidade dos envolvidos, mas acima de tudo valorizando a construção de conhecimento através do diálogo e das discussões em sala de aula entre professores e alunos (KAERCHER, 2008).

A busca pela qualidade de ensino deve ser constante na vida do professor e o uso dessas metodologias é de fundamental importância no auxílio dessa caminhada. Os recursos metodológicos são artifícios capazes de proporcionar ao educador a articulação do conteúdo de forma que torne tais temáticas mais compreensíveis ao aluno. Assim de uma maneira genérica podemos classificar como recursos: rochas, água, madeiras, flanelógrafo, cartazes, rádios, computador, TV, retroprojeter, etc. (MELLO, 2004).

O uso de recursos didáticos como forma de auxílio nas aulas de Geografia é de fato uma das melhores maneiras de torná-las mais atrativas e desenvolver a aplicação dos alunos nas mesmas. Mesmo tendo grande importância para a compreensão de fenômenos físicos, fatores sociais, econômicos e políticos, a Geografia é vista por alguns alunos como uma disciplina chata de ser estudada e que não mostra informações compatíveis com a realidade encontrada, que não leva o aluno a aprender a matéria, mas a decorar os conteúdos e copiá-los nos dias de prova. Então seguindo o pensamento de Freire (1997) podemos questionar:

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamental aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido.[...] Aprendidos, estes operam por si mesmos (FREIRE, 1996. P. 15).

Assim o uso de meios, sejam eles formais ou alternativos serve para que os alunos descubram seu próprio mundo, tirem suas dúvidas e valorizem a Geografia e os meios que o cercam e ao professor cabe adequar tais meios para que esse processo seja proveitoso, é assim que pouco a pouco a história dessa disciplina é reescrita ou pelo menos repensada pelos educandos e até mesmo pelos educadores que nesse pilar são de fundamental importância.

Na sociedade contemporânea e com as constantes modificações ocorridas na educação do país, a busca de inserir na escola meios que ajude o alunado a crescer e se tornar consciente de sua ação, traz para a Geografia uma árdua tarefa, a de adequar temas alheios do universo escolar para sala de aula e muitos procedimentos podem ajudar nessa articulação, como painel progressivo, trabalhos com álbum seriado, fotografias, mapas entre outros, são meios que incrementam o ensino da disciplina bem como ajudam no entendimento dos temas (CAVALCANTI, 2002).

Trabalhar algumas questões através de recortes de jornais pode ser uma atividade muito interessante, uma vez que, trazem uma diversidade de notícias as quais podem ser usadas nas aulas de Geografia e que também estão contidas nos livros didáticos, usado dessa forma o assunto se torna mais dinâmico e agradável, remetendo os alunos a uma série de questões que muito contribuem para o desenvolvimento do aprendizado do alunado (KAERCHER, 2008).

O uso de reportagens de jornais pode criar durante suas apresentações nas aulas da disciplina, diversas situações problemas que estimule nos alunos o raciocínio, induzam a dúvidas e com elas os questionamentos que culminam em debates, devido a diversidade de notícias pode se trabalhar com questões agrárias, econômicas e sociais entre outras. Para Kaercher (2008, p.145) o uso desse recurso pode levar a muitas possibilidades [...] provocar um diálogo produtivo, criativo e rico entre diferentes assuntos, usando diferentes escalas de análise.

A sociedade contemporânea poderia também ser designada de sociedade tecnológica uma vez que é inegável o avanço dessas tecnologias e também o espaço cada vez maior cedido a elas em nosso cotidiano, como forma de auxiliar o professor em sala de aula. Esses artifícios se usados corretamente, funcionam muito bem, com sua diversidade de alternativas para pesquisa a cerca do espaço geográfico, as paisagens, os diferentes lugares e suas diversidades, seus climas

entre outros assuntos, a informática junto às aulas de Geografia podem trazer muitos benefícios a aprendizagem (SILVA, 2007).

Embora os avanços das tecnologias ofereçam uma série de oportunidades, quando falando em meios pedagógicos que possam auxiliar o professor de Geografia em sua jornada, é necessário cautela ao se usar tais meios para que os mesmos não percam seu valor enquanto utensílio que venha a lhes auxiliar na prática docente e possa se tornar um instrumento de contemplação. Cavalcanti (2002, p.84) diz: “É preciso que o professor vença sua dificuldade em utilizá-los, sem cair em seu fascínio pelo modismo ou pelo apelo ao sofisticado, e se aproprie deles como ferramentas auxiliares em seu trabalho”.

Para Fonseca & Oliva:

As tecnologias e as metodologias devem funcionar como meios eficientes e ágeis que facilitem o trabalho dos usuários, o que pode ser obtido subordinado às tecnologias e as metodologias às necessidades e à bagagem científica e profissional do intérprete enquanto ser social (FONSECA & OLIVA, 2008, p. 67).

De uma forma geral os recursos didáticos junto com algumas técnicas de ensino proporcionam ao educador trabalhar alguns temas vinculados com a realidade dos educandos de forma mais agradável, trabalhar em sala de aula temas como a cidade, por meios de figuras e mapas pode dar bons resultados no ensino-aprendizagem, além de possibilitar ao aluno entender como acontecem esses processos e relacionarem com o seu cotidiano.

O estudo do meio, o trabalho com imagens e a representação dos lugares próximos e distantes são recursos didáticos interessantes, por meio dos quais os alunos poderão construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local e agora também global, conscientizando-se de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar em que vivem (BRASIL, 1998, p.54).

Outro meio bastante proveitoso que pode ser trabalhado com diversas temáticas é a música, como um incremento nas aulas de Geografia. Pela sua diversidade de temas trabalhados, a musicalidade nas aulas da disciplina pode levar o alunado a um universo bastante complexo e temas como a água, a poluição do meio ambiente, o desmatamento, podem ser trabalhados de forma bem dinâmica,

sem cansar e de forma bem prazerosa despertar o interesse dos alunos (PAULA, 2004, BARBOSA, 2008).

Vianna acrescenta:

A música é um veículo de expressão que atinge as pessoas maciçamente, especialmente os jovens, público-alvo da nossa prática discente. É possível estudar nosso cotidiano através de músicas populares que os jovens estão habituados a ouvir, estabelecendo relações sociais e espaciais através delas. A análise das letras de canções permite ao professor um instrumental e referencial a mais, capaz de auxiliá-lo no desenvolvimento de seu processo pedagógico e na sistematização dos conteúdos e informações de forma criativa (VIANA, 2000, p. 108).

É possível perceber que a música assim como outros recursos funciona como um incremento muito interessante e que pode ser exposto em sala de aula de maneira saudável e proveitosa, dessa forma analisar algumas canções, as quais devem ser escolhidas de acordo com a turma e a faixa etária que se estar trabalhando, se torna um forte aliado ao trabalho do professor que, por sua vez deve estar atento ao escolher tais letras uma vez que muitas confundem, mas do que ajudam a abrir o entendimento dos envolvidos.

Trabalhar com os recursos audiovisuais nas aulas também pode ser uma ótima forma de dinamizá-las, para Barbosa (2008, p. 111) “a ludicidade dos filmes possui uma característica muito própria: a imagem está em movimento”. Assim, a vida representada na tela aparece mais próxima da nossa realidade”. No entanto o autor chama a atenção para que isso não se torne apenas mais uma maneira de passar o tempo nas aulas e encobrir alguns problemas encontrados na comunidade escolar (BARBOSA, 2008).

Muitas escolas públicas se encontram em situação precária no país e são evidentes as limitações que o professor encontra para desenvolver um bom trabalho. É importante ressaltar que, em alguns casos, mesmo quando a escola dispõe de alguns materiais pedagógicos, muitos professores não usam ou utiliza-os de forma incorreta, e emprega tais elementos não como um meio de auxílio nas aulas, mas como a aula em si, o que faz do uso desses materiais uma maneira de passar o tempo e não algo proveitoso (SILVA, 2004).

Assim, os educadores precisam compreender que o uso de meios pedagógicos no auxílio de suas aulas só será viável e trará algum proveito quando

os mesmos forem usados como um elemento de apoio na construção do conhecimento. Se usado de maneira errônea, por mais sofisticado que seja o recurso, de nada adiantará, já quando usado de maneira adequada, por mais simples que seja muito contribui para o desenvolvimento intelectual dos envolvidos.

CAPITULO 3 - OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: PESQUISA IN LOCU

Esta pesquisa foi realizada no município de Guarabira, que segundo o censo 2010 tem sua população estimada em aproximadamente 55.320 mil habitantes (IBGE, 2010); está localizado na microrregião de Guarabira, na mesorregião do agreste paraibano, numa área de transição entre o agreste e o brejo e fica a 96,00km de distância de João Pessoa, capital e tem atualmente cinco Escolas Estaduais que oferecem o ensino fundamental maior do 6º ao 9º ano.

3.4 Área de estudo

Das escolas existentes no município apenas três serviram de base para este estudo, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo (polivalente); Escola Estadual de Ensino Fundamental e Infantil Jonh Kennedy; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho.



Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo (polivalente).



Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho.



Escola Estadual de Ensino Fundamental e Infantil John Kennedy.

Foram levantados apenas cinco questionários, uma vez que uma das escolas apresentava o mesmo professor de Geografia e em outra a única docente que ministra a disciplina se recusou a respondê-lo, alegando falta de tempo afirmando que a forma de ensinar dos professores, bem como a realidade da educação escolar são duas coisas que todos têm conhecimento.

O questionário foi dividido em 12 perguntas que constam questões abertas e de múltipla escolha, as quais buscam mostrar o perfil dos professores da disciplina; assim como a forma como os mesmos estão ministrando suas aulas; a maneira como conduzem sua prática; quais os meios que utilizam para transmitir os conteúdos aos alunos; assim como as maiores dificuldades encontradas em sala de aula; e quais os recursos são usados na sala de aula, entre outras questões.

3.5 Perfil dos professores pesquisados.

É possível observar que o sexo feminino predomina entre os docentes, correspondendo a 60% dos entrevistados. A faixa etária dos educadores que participaram desta pesquisa está entre 36 e 50 anos; e quanto à formação acadêmica dos mesmos é possível perceber que todos têm formação específica para ministrar a disciplina. Quanto ao nível de qualificação dos mesmos, é possível perceber que três professores possuem especialização na área educacional; há um mestre e outro professor possui apenas graduação.

Indagados sobre o que lhes levaram a ser professores de Geografia, a maioria dos professores mostra ter escolhido ministrar tal disciplina por se identificar com a mesma e com as diferentes vertentes abordadas por ela. Apenas um professor diz ter optado pela mesma por outras razões, como podemos perceber adiante em algumas respostas dadas por eles:

“Por vocação e por saber que estou contribuindo para formação de uma sociedade menos desigual” (Profº A).

“Desde cedo apreciei esta disciplina por ela ser dinâmica e que engloba muitos assuntos como a preservação do meio ambiente” (Profº B).

“A ausência em minha cidade, do curso desejado (agronomia); a impossibilidade financeira para estudar fora do município” (Profº C).

“Pelo contato com a natureza e por ser uma disciplina que tem haver com o cotidiano dos alunos” (Profº D).

“É uma disciplina bastante concreta. O estudo da geografia nos auxilia em uma melhor compreensão da dinâmica do mundo em que vivemos” Profº E).

Dessa forma foi possível perceber que a maioria dos docentes está na profissão por escolha própria o que torna o seu trabalho bem mais proveitoso e faz com que o rendimento de suas tarefas seja bem maior do que aqueles que por alguma razão se enquadraram na faixa de profissionais da área.

3.3 Resultados e discussões

De acordo com a pesquisa, os professores apontam que entre as maiores dificuldades encontradas para ministrar suas aulas estão a falta de interesse dos alunos, o que representa 31%; outros (15%) disseram ser a ausência de planejamento pedagógico, já que nem todas as escolas contam com profissionais competentes que ajudem os professores a planejar de forma correta suas aulas. Já 15% dos professores apontam que são as salas mal estruturadas que atrapalham na hora de desenvolver um bom trabalho; e por fim 31% dos professores reclamaram da falta de material didático.

Segundo o censo escolar 2010:

É recomendável que uma escola mantenha padrões de infra estrutura necessários para oferecer ao aluno instrumentos que facilitem seu aprendizado, melhorem seu rendimento e tornem o ambiente escolar um local agradável, oferecendo, dessa forma, mais um estímulo para sua permanência na escola (MEC, 2010, p.33).

Entre as outras dificuldades encontradas no desenvolvimento do trabalho docente estão os baixos salários, indisciplina e desrespeito por parte dos alunos; mau gerenciamento de recursos educacionais e mau uso dos materiais didáticos pelos professores, funcionários e direção. Isto nos leva a crer que mesmo quando a escola disponibiliza os recursos didáticos, muitos professores os utilizam de forma incorreta como meras ilustrações, desvalorizando ou empregando-os em outros fins que não o de educar (LOPES, 1998; SILVA, 2004). A seguir podemos observar o gráfico que traz o demonstrativo dessa indagação:

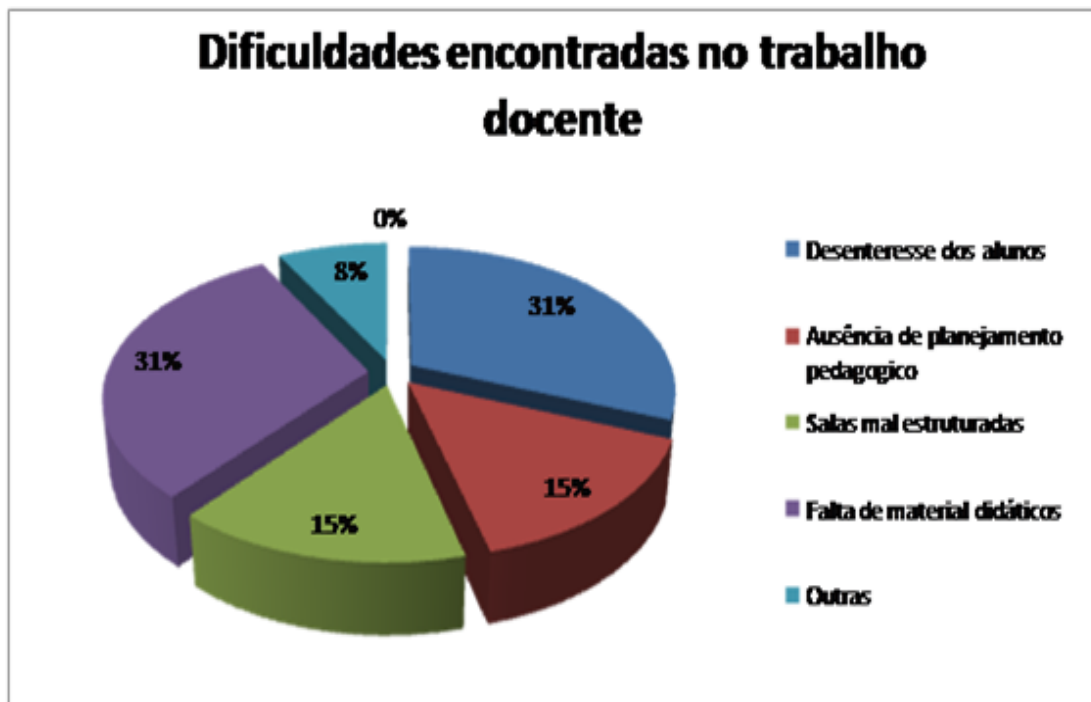


Gráfico 01 – Dificuldades encontradas no trabalho docente
Fonte: A autora - pesquisa in locu, 2010.

Quando os professores foram questionados a respeito do uso de recursos didáticos, todos (100%) afirmaram usar tais ferramentas como auxílio nas aulas de Geografia. Conforme Amaral (2006) e Lima et al (2008), podem ser classificados como recurso pedagógico tudo aquilo que o professor use para lhe auxiliar em sala de aula. Podemos assim concluir que ao usar o quadro, o giz e o apagador o professor está utilizando tais ferramentas.

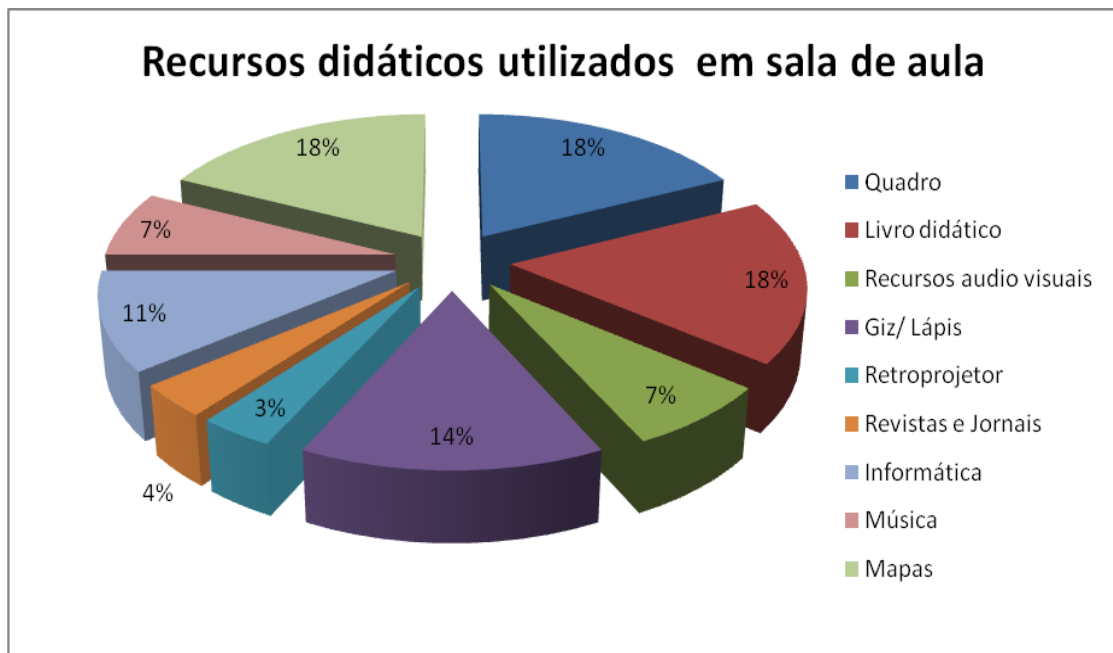


Gráfico 02 – Recursos didáticos utilizados em sala de aula
 Fonte: A autora - pesquisa in locu, 2010.

Assim é possível observar no gráfico 02, que 18% dos entrevistados usam o quadro, já 14% usam giz, 11% a informática, outros 18% os mapas durante suas aulas; 4% se utilizam de retroprojeter, 3% revistas e jornais para auxiliar seus trabalhos; 7% usam a música e os materiais áudio visuais, como TV, DVD e aparelho de som como incremento na hora de abordar alguns conteúdos; e 18% usam o livro didático como ferramenta principal para ministrar suas aulas.

De acordo com Silva (1996, P. 11):

Uma boa parcela dos professores brasileiros, o livro didático se apresenta como uma insubstituível muleta. Na sua falta ou ausência, não se caminha cognitivamente na medida em que não há substância para ensinar. Coxos por formação e/ou mutilados pelo ingrato dia-a-dia do magistério, resta a esses professores engolir e reproduzir a idéia de que sem a adoção do livro didático não há como orientar a aprendizagem. Muletadas e muleteiros se misturam no processo.



Gráfico 03 – Importância atribuída pelos professores ao recurso didático.
Fonte: A autora – pesquisa in locu, 2010.

No gráfico 03 é possível observar que quando indagados a respeito da importância atribuída ao recurso didático, 60% consideram muito importante e 40% dos entrevistados consideram como sendo importante o seu uso. Quanto a indagação se os recursos didáticos que a escola disponibiliza são suficientes para que seja desenvolvido um bom trabalho, três professores afirmaram que os mesmos são insuficientes e dois dizem ter meios satisfatórios para o desempenho de suas funções.

De acordo com o inciso IX do artigo 4º da LDB, o dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

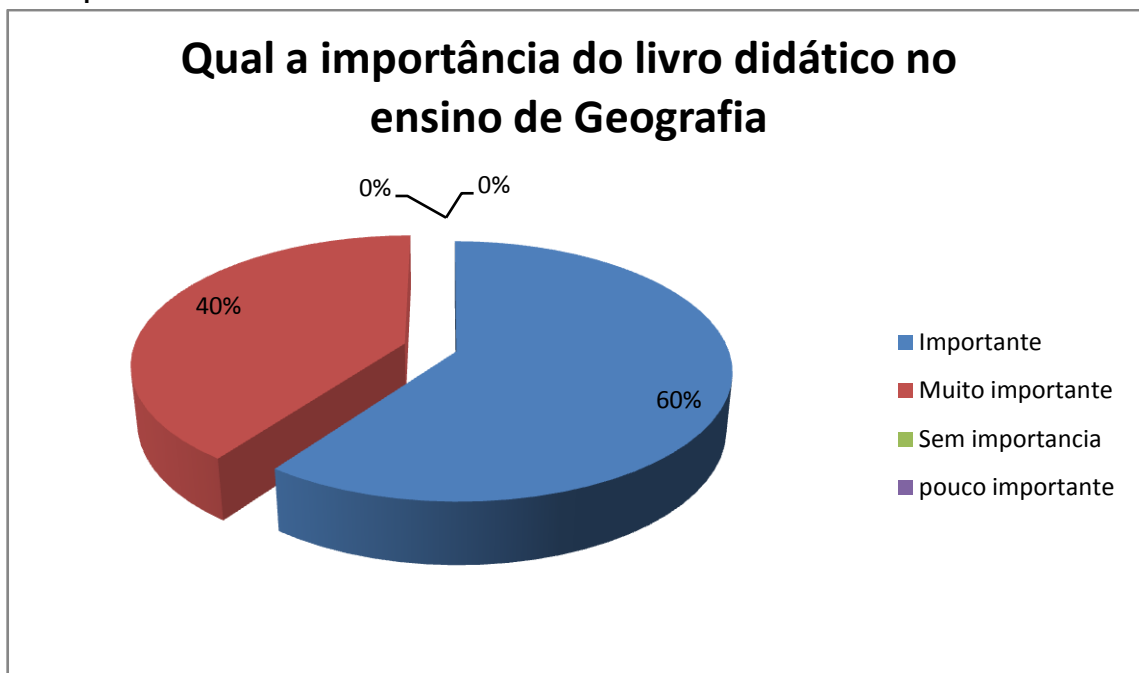


Gráfico-04 - Qual a importância do livro didático no ensino de Geografia
 Fonte: A autora – pesquisa in locu, 2010.

Quanto a importância atribuída ao livro didático é possível perceber que 60 % dos professores o consideram como um instrumento importante no ensino da disciplina e 40% atribuem o rótulo de muito importante nesse processo. É interessante ressaltar que o livro didático, assim como qualquer outro meio pode ser ou não proveitoso, dependendo da forma como ele está sendo usado. Assim é a maneira como o professor utiliza-os que o faz importante ou não (BRASIL, 1998; MAGALHÃES, 2004; GOLENIA, 2009).

Questionados a respeito de quais os problemas que eles enfrentam para usar os meios pedagógicos em sua prática educacional, três professores não quiseram ou não souberam responder a pergunta e dois responderam a mesma expondo mais uma vez a realidade dos problemas enfrentados pelos educadores do País.

“Falta de espaços específicos e adequados (salas de vídeo-aulas, laboratórios), barulho extremos em sala de aula, limitação do tempo de aula (especialmente no período noturno), falta de assiduidade e integração dos alunos às aulas” (Profº A); e “Falta um conhecimento prévio de como utilizar o equipamento por parte dos funcionários e até mesmo do professor” (Profº B).

É possível observar na fala dos professores que os problemas enfrentados por eles, fazem parte da realidade encarada por muitos profissionais, uma vez que muitas escolas não dispõem de espaço físico suficiente ao desenvolvimento de um trabalho proveitoso, além da indisciplina dos alunos, e da falta de formação adequada dos profissionais para atuar na sociedade moderna cheia de novidades e frustrações. Para Aquino:

Talvez se possa entender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso ao qual se fixar, e como uma resposta, portanto, ao que se oferta ao aluno. Enfim, a indisciplina do aluno pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções (AQUINO 1998, p. 197).

Então, concordamos com Santos & Nunes (2006) quando dizem que é necessário que se leve em conta alguns problemas presentes no cotidiano das escolas públicas como, salas lotadas, com diferentes faixas etárias; além das diferentes posições que a escola atual passou a assumir na sociedade moderna, como a de cuidar das crianças enquanto os pais trabalham; entre outras posições assumidas por ela e que fragilizam a instituição e provocam o surgimento de males que cada vez mais se tornam comuns na educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação de qualidade, entre outros princípios básicos formam a base de uma sociedade mais democrática, porém muitas são as dificuldades encontradas em torno do ensino público e das metodologias de ensino empregadas pelos professores, bem como os meios pedagógicos que são utilizados na prática educativa. Esta discussão somada à preocupação que cerca o ensino de Geografia nos leva a uma reflexão teórico-metodológica em torno dessa questão.

Através desse estudo nos foi dado à oportunidade de compreender as muitas fases enfrentadas pela Geografia escolar, as arestas que o ensino apresenta atualmente e também aquelas que estiveram presentes consigo desde os primeiros anos, a multiplicação de suas finalidades e o relacionamento desta com o meio social. Assim percebemos dentre as muitas coisas, sua evolução, e de uma forma mais complexa seu crescimento enquanto disciplina atuante e capaz de “moldar” a sociedade.

Foi possível perceber que embora a Geografia, enquanto disciplina, tenha evoluído muito, lamentavelmente, com este trabalho foi possível observar a falta de compromisso de alguns profissionais que atuam na área. Muitos conteúdos são diariamente apresentados em sala de aula de forma imutáveis, apenas transcritos para os educandos, sem nenhuma preocupação com os mesmos e com o seu processo de aprendizagem.

Assim, frente aos desafios enfrentados pelos educadores cotidianamente, a busca de melhorias na forma de ensinar e a procura por novos artifícios para tornar possível essa tarefa, se faz cada vez mais latente, fazendo-se necessário para que isso aconteça que os profissionais se permitam e abram seus braços para receber as novas propostas.

Conclui-se assim que o tradicionalismo ainda está presente em sala de aula e a relação arbitrária entre professores e alunos atrapalham no processo educativo e que a busca de novas metodologias devem ser constantes na vida do educador, bem como o uso de recursos didáticos que podem variar desde o aparelho de TV aos sofisticados programas de computadores, ambas inovações didáticas metodológicas devem ser feitas de forma correta sem atropelos e respeitando acima de tudo o educando suas limitações e interesses, para que possa haver uma relação multilateral nessa simbiose que está presente no processo de ensino aprendizagem.

Ao fazer uma reflexão sobre os resultados da pesquisa com os professores de Geografia, trazemos aqui resumidamente algumas sugestões que poderiam contribuir com o processo de ensino aprendizagem, considerando os recursos e metodologias utilizadas por esses professores:

- Que os professores tenham cursos de capacitação para torná-los aptos ao uso das novas tecnologias;
- Que haja um grupo de apoio nas escolas para os professores, auxiliando os mesmo junto aos alunos.
- A criação de um conselho pedagógico para ajudar no planejamento escolar, nas escolhas das atividades e também para direcionar os professores quanto a sua postura diante de alguns problemas corriqueiros.
- A elaboração de oficinas, passeios, painéis entre outras coisas para que seja quebrada a rotina existente no ambiente escolar e promova a descoberta de novos recursos que podem incrementar o cotidiano das aulas da disciplina.

Não queremos com esse trabalho apontar soluções e sim sugerir novos debates, aguçar o interesse daqueles que militam nessa área vasta do conhecimento, mas esperamos que essas sugestões sejam úteis para o bom desenvolvimento da prática pedagógica dos professores de Geografia, assim como, esperamos que estas propostas possam promover melhoras no ambiente escolar.

REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. **A geografia escolar de Delgado de Carvalho: uma análise a partir da cartografia.** In: 12º Encontro de Geógrafos da America Latina, 2009, Montivideo. Egal 2009.

AMARAL, I. A. do. **Metodologia do ensino de ciências como produção social.** Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesf-textos.html>. Acesso em: 17 nov. 2010.

AQUINO, JulioGroppa. **A indisciplina e a escola atual.** Rev. Fac. Educ. [online]. 1998, São Paulo, vol.24, n.2, pp. 181-204. ISSN 0102-2555. doi: 10.1590/S0102-25551998000200011.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. IN: VEIGA Ilma passos Alencastro.(coord.). **Técnicas de ensino: porque não?** 18 ed. São Paulo: Papyrus, 2007. p. 11-34.

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, A. F. A. (org.). **A Geografia em sala de aula.** São Paulo, Contexto, 2008, p. 109-133

BARROS JUNIOR, Eimar França de. **A pedagogia tradicional e as desigualdades de classes,** 2001. 70f, monografia (curso de Pedagogia - Orientação Educacional)- Centro de Ciências Humanas e Educação (UNAMA). Belém 2001.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma Emergente e a Prática Pedagógica.** 3 ed. Curitiba: Champagnat, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Procedimentos metodológicos do ensino de historia. In: **ensino de Historia Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BORGES NETO, Fernanda. **A geografia escolar do aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino.** 2008. 180f Dissertação (mestrado) Universidade Federal De Uberlândia. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia / Secretaria de Educação Fundamental.** . Brasília: MEC/ SEF, 1998. p.174.

_____, Lei 9.394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF, 2001. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 25 nov. 2010.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar 2010.** Disponível em: <http://www.educacenso.inep.gov.br>. Acesso em: 11 jan. 2011.

CAMPORALINI, Maria Bernadete S.C. Na dinâmica interna da sala de aula O livro didático. IN: VEIGA Ilma passos Alencastro.(coord.). **Repensando a didática**. 13 ed. Campinas: Papirus 1998. p. 97-130.

CASTANHO, Maria eugenia de Lima e Montes.Os objetivos da educação. IN: VEIGA Ilma passos Alencastro. (coord.). **Técnicas de ensino: porque não?** 18 ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 89-102.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. 10 ed. Campinas: Papirus,1998.

_____ **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CHAGAS, Valmir. **Educação brasileira: o ensino de 1º e 2º graus antes, agora e depois?** 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

COSTA, José. L.P. **Ensino de Geografia: desafios e desventuras**. Revista de Pedagogia Perspectivas em Educação, v.5, n.2, jan.2009. Disponível em:http://www.fmccaieiras.com.br/revista5/artigos/PereiradeCosta/Artigo_Pereira%20da%20Costa.pdf. Acesso em: 29 mar. de 2010

CURY, Carlos Roberto Jamil, **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. 7 ed. - São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIGUEIREDO Lilia Márcia de. ALBUQUERQUE. Rosa Almeida Freitas; Investigando as praticas pedagógicas de ensino-aprendizagem método e didática nos cursos de graduação. **Revista Contemporânea de Negócios** - ISSN 1984-3429, vol. 3, Nº (2009).

FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime Tadeu. A geografia e suas linguagens: o caso da cartografia. In: CARLOS, A. F.(org.) **A geografia em sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2008,p.51-78

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____ **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLENIA, Luís. **O espaço de ensino aprendizagem e as novas tecnologias: realidades e possibilidades**. Disponível em <http://www.diaadiaeducação.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/711-4.pdf>. Acesso em 09 jan. 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf>. Acesso em 05 de jan.2011.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 6 ed. Porto Alegre: Medição, 2008, p.137-169.

KÜESTER, Ana Maria de Barros; CASTELEINS. Vera Lúcia. **A fonoaudiologia educacional e a escola: muito a fazer, muito a pensar, muito a estudar**. Revista Diálogo Educacional - v. 2 - n.4 - p.129-138 - jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=744&dd99=view>. Acesso em: 22 de Out. 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: velhos e novos temas**. Goiânia: Edição do Autor, 2002.

_____, **Democratização da escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA, Vera Lúcia Antunes de et al. **Educação ambiental e recursos didáticos no ensino de geografia em escolas públicas do município de Sossego – PB**. Revista Qualit@s. ISSN -1677 4280.Vol. 7, No 2 (2008).

LOPES, AntoniaOsima. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica da educação. IN: VEIGA Ilma passos Alencastro.(coord.). **Repensando a didática**. 13 ed. Campinas: Papirus 1998, p. 41-52.

_____, Aula expositiva: superando o tradicional. IN: VEIGA Ilma passos Alencastro. (coord.). **Técnicas de ensino: porque não?** 18 ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 35-48.

MAIA, Marta de Campos; MENDONÇA, Ana Lúcia; GÓES, Paulo. **Metodologia de ensino e Avaliação de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005>. Acesso em: 17 set. 2010

MAGALHÃES, Mônica Giacomassi de Menezes. **Metodologia para integração de novas tecnologias na formação de professores**. 2004. 148 p Tese (Doutorado)- Instituto de Física São Carlos. São Carlos, 2004.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. Conteúdos escolares a quem compete a seleção e organização? In IN: VEIGA Ilma passos Alencastro.(coord.). **Repensando a didática**. 13 ed. Campinas: Papirus 1998, p. 65-82.

MELLO, Rosangela Menta. **Tecnologia educacional**. Disponível em: http://www.escolabr.com/virtual/crte/modulo.../tecnologias_ensino.doc. Acesso em 18 abr. 2010.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **Metodologia do ensino superior - Saberes E Fazeres para pratica docente**. 2 ed. rev. e atual – Maceió: EDUFAL.2009.

NAGEM, Ronaldo Luis; CAVALHÃES, Dulcinéia de Oliveira; DIAS, Jully Anne Y. T, **Uma proposta de ensino com analogias**. Revista portuguesa de educação. 2001, 14(1). Portugal, p 197- 212.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: um retrato desnecessário. In: CARLOS, A. F.(org.) **A geografia em sala de aula**. 8 ed. São Paulo, Contexto, 2008. p 34-49.

PAULA, Leandro Rodrigues de. **A produção musical como recurso didático em aulas de geografia**. Monografia (curso de Licenciatura em Geografia) - Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, 2004. Disponível em: <http://br.Monografias.com>. Acesso em: 23 out. 2010.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. 130f, Dissertação (Mestrado) UFPB/CCEN, João Pessoa, 2007.

PINTO, Alvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de adultos**. 10. ed. São Paulo: Cortez,1987.

PONTUSCHKA, NídiaNacib. A Geografia: Pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. (org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 111-142.

QUINTÃO, Altemar de FigueirêdoBustorff; ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Desafios e perspectivas do ensino de geografia no Brasil**. 2009.Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20\(9\)](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20(9)). Acesso em: 13 nov. 2010.

SANTOS, Claudevone Ferreira dos; NUNES, MarinildesFigueredo. **A indisciplina no cotidiano escolar**. Candombá – Revista Virtual, v. 2, n. 1, p. 14–23, jan – jun 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico internacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVA, Valdenildo Pedro da. **O Raciocínio espacial na era das tecnologias informacionais**. Revista Terra Livre. Presidente Prudente. Ano 2 3, v.1, n. 28 p.67-90. Jan- Jun/2007.

SILVA, Rosilene Pereira da. **A prática pedagógica do professor de Geografia e o interesse dos educandos pela disciplina Geografia**. In: III Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, Piauí. 2004. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/evento2004/gt1>. Acesso em: 23 maio 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996. p. 11-15.

SOUZA, Valtey Martins de; et al . **Novas perspectivas em metodologia de ensino e prática docente**. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 20 de Nov. 2010.

VEIGA, Ilma passos Alencastro. (coord.) Didática: uma retrospectiva histórica. In: _____. **Repensando a didática**. 13 ed. Campinas: Papirus 1998. p. 25-40.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de Geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (org). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p.14 – 33.

VLACH, V. R. F. O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, J. W. (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004, p.187-217.

VIANA, Adriane Monteiro. A música como recurso didático em Geografia - uma abordagem da Geografia no cotidiano. In: REGO, N.; SUERTERGARAY M. A; HEINDRICH À. (org.). **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000, p. 107-123.

APÊNDICE



Centro de Humanidades “Osmar de Aquino” – Campus III
Departamento de Geo-História
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

O objetivo deste questionário: levantar informações referentes às metodologias empregadas pelos professores de Geografia no município de Guarabira e que recursos didáticos são usados pelos mesmos para desenvolver seu trabalho. Estes dados servirão para fomentar o trabalho de conclusão de curso que tem como título: O uso de recursos didáticos pelos (as) professor (as) de geografia da rede Estadual do Município de Guarabira.

1) Escola: _____

2) Sexo () M () F

3) Idade: ()

4) Formação: () Bacharelado em: _____

i. () Licenciatura em: _____

ii. () Não tem curso superior.

4.1. pós-graduação: () Especialização: _____

() Mestrado: _____

() Doutorado: _____

5) Que fatores lhe levou a ser professor (a) da disciplina Geografia?

6) Quais as maiores dificuldades encontradas para se ministrar as aulas de geografia?

Desinteresse dos alunos Salas maus estruturadas

Ausência de planejamento Pedagógico Falta de Material didático

Outros _____

7) Você costuma usar recursos didáticos durante as suas aulas? Com que frequência?

Não Sim Ocasionalmente Sempre Nunca

8) Quais os recursos didáticos você utiliza?

Quadro Livro Didático Recursos áudio visuais

Giz/ Lápis Retroprojeter Revistas e jornais Informática

9) Os recursos didáticos que a escola disponibiliza são suficientes para que seja desenvolvido um bom trabalho?

Sim Não

10) Em sua opinião. Qual a importância do uso dos recursos didáticos para o enriquecimento das atividades?

Importante Pouco importante

Muito importante

Sem importância

11) Qual a importância do livro didático no ensino de geografia?

Importante

Pouco importante

Muito importante

Sem importância

12) Quais os problemas que você encontra para usar os meios pedagógicos em sua prática?